ISSN: 2358-8829

CRÍTICA E PROBLEMATIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO BANCÁRIA NA OBRA "PEDAGOGIA DO OPRIMIDO"

Flávio Boleiz Júnior [1]
Enedina Lopes de Freitas Rodrigues [2]
Gilvana Benevides Costa Fernandes [3]

RESUMO

O presente artigo apresenta e problematiza a crítica de Paulo Freire à concepção bancária da educação (Freire, 2002), um modelo opressor no qual o professor deposita conteúdos em alunos passivos, tratados como recipientes vazios. Nessa maneira de se fazer educação, o educador se constitui sujeito da ação e os educandos se constituem em meros objetos do processo pedagógico. Freire descreve essa prática como antidialógica e alienante, servindo aos interesses dos opressores ao inibir a criatividade e a visão crítica dos oprimidos. Na escola dada ao *bancarismo*, as relações apresentam-se, entre educador e educandos, como relações narradoras, dissertadoras, prescritoras. Como contraponto à educação bancária, o autor propõe a educação problematizadora (Sartori, 2008), uma concepção libertadora fundamentada no diálogo horizontal e na superação da hierarquia entre educador e educandos. Nesse processo, o conhecimento nasce da práxis (Rossato, 2008), que é a união entre ação e reflexão (Freire, 1982), e da investigação dos temas geradores (Freire, 2002; 2006) extraídos da realidade concreta dos estudantes, considerados previamente como sujeitos que possuem uma visão e compreensão de mundo, ou seja, uma *leitura de mundo*, que precede a leitura das palavras e a compreensão dos conteúdos, das temáticas e dos objetivos do processo de ensino e aprendizagem. O objetivo final é a conscientização (Freire, 1982), permitindo que os indivíduos compreendam sua inserção histórica e atuem como sujeitos na transformação do mundo.

Palavras-chave: Paulo Freire, Educação bancária, Conscientização.

INTRODUÇÃO

Partindo da premissa freiriana de que "ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo" (Freire, 2002, p. 68), a figura do professor se revela como a de um mediador do processo de

[1] Professor do Curso de Pedagogia a Distância da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, flavio.boleiz@ufrn.br;
[2] Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Tutora do curso de Pedagogia a Distância da mesma instituição, Professora do Ensino Fundamental da Rede Municipal do Rio Grande do Norte – RN e membro do Grupo de Estudos e Pesquisa "Freireanos da Universidade Federal, enedinalfr@hotmail.com
Enedina Lopes de Freitas Rodrigues
[23] Doutora em Ensino de Ciências Naturais e Matemática, Professora do Ensino Médio da Rede Estadual do Rio Grande do Norte – RN e membro do Grupo de Estudos e Pesquisa "Freireanos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – RN , gibenevides2@gmail.com
[3]

ISSN: 2358-8829

ensino e aprendizagem, no qual o que faz é providenciar as melhores condições para que os educandos possam produzir conhecimento.

Dessa forma, entendemos que este paradigma educacional é oposto àquele criticado pelo educador pernambucano, em que o professor se configura como um dador de aulas, nas quais tenta preencher as cabeças de seus alunos com conteúdos que, quiçá, serão utilizados em algum momento avaliativo e, se possível, quem sabe, no futuro de suas vidas.

A EDUCAÇÃO BANCÁRIA

Os conteúdos não dialogam com a realidade dos estudantes, tornando-se, assim, desinteressantes e não atendendo suas expectativas, seus interesses e suas necessidades. Esta é a *educação bancária* que reproduz as relações de opressão que se desenvolvem na nossa sociedade sob o modo de produção capitalista, em que, acima de qualquer objetivo educativo, figura a competição. Segundo Freire:

> Esta é uma concepção que, implicando uma prática, somente pode interessar aos opressores, que estarão mais em paz, quanto mais adequados estejam os homens ao mundo. E tão mais preocupados, quanto mais questionando o mundo estejam os homens (Freire, 2002, p. 63).

Contrariamente a esse modelo opressor, Freire defende uma educação democrática e crítica, caracterizada pela horizontalidade e pelo diálogo que produzem uma leitura do mundo e, consequentemente, uma análise da realidade social de quem se educa, tornando-o capaz de atuar em sua própria libertação. E para Paulo Freire:

> O que nos parece indiscutível é que, se pretendemos a libertação dos homens não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados. A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma *coisa* que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo (Freire, 2002, p. 67 – grifos do autor).

Entretanto, a educação bancária está presente, ainda hoje, na maioria das escolas brasileiras e pode ser observada no modo como se dão as aulas e as relações entre os educadores e os educandos. Nessas situações, os professores acabam exercendo o papel ativo, ou seja, de sujeitos da ação educadora, enquanto que os educandos são tratados como meros objetos do processo pedagógico em atitude passiva.

Exemplos que caracterizam esse modelo opressor de educação são encontrados tanto no ambiente, como a forma de organização da sala de aula e da escola, como um

todo, até o modo de ensinar que reproduz relações de dominação que impedem um melhor desenvolvimento do processo de conscientização dos indivíduos. Vemos tudo isso na forma de organização das salas, como apontamos acima, que, via de regra, são organizadas com carteiras enfileiradas e uma mesa frontalizada para o professor, demarcando os espaços de atuação de cada estudante e educador, descaracterizando suas condições de sujeitos e transformando-os em obedientes corpos dóceis (Foucault, 1977), que se amoldam e se adaptam às condições a que são submetidos, numa configuração tal, que reproduz as fábricas, os manicômios e as prisões, como disse Foucault.

No entanto, de acordo com Paulo Freire,

> A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres "vazios" a quem o mundo "encha" de conteúdos; não pode basear-se numa consciência espacializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como "corpos conscientes" e na consciência como consciência *intencionada* ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em sua relação com o mundo (Freire, 2002 p. 67 – grifos do autor).

Os projetos de ensino, nessa escola bancária, são compostos por conteúdos e objetivos impostos pelo pensamento das classes dominantes, para quem o *status quo* é garantia de sua dominação e, portanto, precisa ser mantido. Isso se manifesta nas diferentes disciplinas e no currículo como um todo, que é pensado de forma diferente, conforme o público, os mais ricos ou os mais pobres, a quem a escola vá atender (Saviani, 1983).

TATEANDO POR UMA EDUCAÇÃO PROGRESSISTA

Mesmo quando se busca amenizar o processo de ensino utilizando-se técnicas e metodologias progressistas, no mais das vezes, a base do ensinamento ainda costuma ser tradicional e desvinculada de um processo crítico de questionamento social e político. Por exemplo, em algumas escolas se ensina os alunos a cultivarem uma horta, o que denota preocupação institucional com uma aprendizagem diferenciada e que se relaciona com o ambiente e com a realidade presente do alunado. Entretanto, as aulas em que se ensina a produção de uma horta escolar não representam o aprofundamento político dessa situação pela qual passam os estudantes. Nem é aventada a possibilidade de se retratar as questões relativas à reforma agrária e à luta por terra que é histórica e está tão presente no seio de nossa sociedade, ou da insegurança alimentar que advém da

ISSN: 2358-8829

má distribuição de terras e pelas desigualdades sociais gritantes que ainda assolam nosso país. Afinal de contas, as periferias representam a desigualdade no acesso e distribuição de terras, configurando bairros com pequeninos lotes e muitas favelas; cinicamente chamadas hoje em dia de comunidades; habitadas por gente expulsa do campo e por seus descendentes.

Os educandos habitantes dessas periferias, na sua grande maioria frequentadores das escolas públicas, acabam não alcançando uma forma de pensar certo, na concepção freiriana, pois não completam o ciclo reflexivo que representa o conhecimento do processo social que expulsou suas famílias do campo e as levou a viverem nas atuais condições, muitas vezes sem uma infraestrutura digna e necessária para uma vida decente. Faltam redes de esgoto, água tratada e encanada em muitos locais, hospitais e serviços de saúde em geral, bom transporte público, segurança e muitas outras condições que, contraditoriamente, estão presentes nos bairros centrais, onde habitam os filhos dos mais ricos.

A GESTÃO BANCARISTA DA EDUCAÇÃO

Além de habitações em condições bem precárias de infraestrutura, também as escolas das periferias, que são a maioria das escolas públicas, sofrem com a falta de uma boa administração governamental, que relega às classes oprimidas, prédios em péssimas condições, com banheiros destruídos, sem salas climatizadas mesmo em regiões muito quentes, em que muitas vezes nem os ventiladores funcionam, com pátios mal cuidados, sem quadras desportivas, sem bibliotecas e sem laboratórios, enfim, sem o mínimo que se espera de um ambiente educativo para formação da cidadania. Aos usuários de tais estabelecimentos educacionais, freirianamente falando, se pode chamar de oprimidos.

Com uma gestão preocupada com o ensino de conteúdos e com a transmissão de saberes, repete-se; e perpetua-se; essa educação bancária que tende a reforçar a passividade dos alunos e acaba por contribuir para com a reprodução da opressão. Dessa maneira, estudantes que já ocupam posições socialmente marginalizadas acabam tendo menos oportunidades de reconhecer e questionar as estruturas que contribuem para sua marginalização, assim como acabam encontrando menores oportunidades para

ISSN: 2358-8829

desenvolver a autonomia, o pensamento crítico, a capacidade argumentativa e a criatividade.

O IMPORTANTE PAPEL DO DIÁLOGO

Para dar conta dessa educação progressista e afinada com as necessidades e anseios dos oprimidos, o educador necessita colocar-se em permanente *diálogo* durante todo o processo de ensino e aprendizagem. Para tanto, necessário se faz que a compreensão do significado do diálogo esteja clara em sua mente. E como diz Paulo Freire,

> O diálogo é este encontro dos homens mediatizados pelo mundo, para *pronunciá-lo*, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu.
> Esta é a razão por que não é possível o diálogo entre os que querem a *pronúncia* do mundo e os que não a querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados desse direito. É preciso primeiro que os que assim se encontram negados no direito primordial de dizer a palavra reconquistem esse direito, proibindo que este assalto desumanizante continue (Freire, 2002, p. 78-79 – grifos do autor).

E para Freire, a palavra é, de tal maneira transformadora de tudo, que transforma e transcende o próprio mundo quando se faz práxis na ação dos oprimidos. “Se é dizendo a palavra com que, pronunciando o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens” (Freire, 2002, p. 79)

No caso, portanto, da persistência da educação bancária, que é a corrente na absoluta maioria das escolas de nossos tempos, o aprendizado acaba se tornando excessivamente voltado à obtenção de notas e à memorização temporária de conteúdo, sem o necessário estabelecimento de relações entre aquilo que é estudado e a realidade que se vive. Além disso, a ausência de diálogo pode dificultar que diferentes experiências, conhecimentos e perspectivas presentes na sala de aula sejam reconhecidos.

EDUCAÇÃO LIBERTADORA

Já a educação libertadora preconizada por Paulo Freire propõe o diálogo, a participação, a reflexão e a autonomia como elementos fundamentais para uma formação que prepare os indivíduos não apenas para responder provas, mas também para compreender e intervir criticamente na sociedade, a partir do que ele chama de

ISSN: 2358-8829

pensar certo. A educação problematizadora e dialógica defendida por Freire, busca desenvolver a consciência crítica e a participação dos sujeitos na transformação de sua realidade como elementos importantes do processo educativo.

Para Paulo Freire, "a educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens" (Freire, 2002, p. 70).

Aos estudantes que vivenciam desigualdades sociais, a abordagem freiriana é particularmente relevante, pois a educação pode constituir um espaço de reflexão sobre problemas presentes em seu cotidiano, como desigualdades, violências, falta de acesso a serviços públicos e oportunidades profissionais. Esse modelo de educação permite aos estudantes construir o conhecimento por meio do diálogo e da reflexão sobre a realidade, além de propiciar condições para que valorizem os seus conhecimentos prévios, o que contribui para uma aprendizagem mais significativa e para o desenvolvimento da autonomia.

O PAPEL DOS CONTEÚDOS E DOS PROFESSORES

Criticar a educação bancária, entretanto, não significa negar a importância dos conteúdos ou do papel do professor. O problema está em transformar o processo de ensino e aprendizagem em uma via de mão única, na qual somente o educador fala, explica e avalia, enquanto os estudantes apenas recebem e reproduzem. Uma educação comprometida com a formação integral precisa combinar o acesso ao conhecimento sistematizado por meio dos conteúdos com espaços de questionamento, diálogo, investigação e participação. Neste paradigma educacional os conteúdos deixam de ser o fim e passam a ser meio de educação.

Paulo Freire ensinou que primeiro aprende-se a ler o mundo e só depois as palavras, como se pode ver em sua obra *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra* (1990), quer dizer, primeiramente aprende-se a conhecer a própria realidade, que envolve a situação social e econômica, para em seguida aprender-se a escrever as palavras de interesse e, a partir delas, todas as demais palavras. A aprendizagem da alfabetização e de tudo que a escola ensina, nestes termos, transparece sua característica

ISSN: 2358-8829

de ação política que se dá na relação entre educador e educandos num contínuo libertar-se do opressor que o oprimido hospeda e que o domina (Freire, 2002).

Para Freire, a produção e a apropriação do conhecimento precisam se dar por meio do diálogo, da investigação e pelo questionamento. Em tal processo, o professor assume a função de criador de problemas, instigador de curiosidades e fornecedor das ferramentas necessárias para que os estudantes hajam subjetivamente. Nesse processo, é de fundamental importância a prática democrática, em que a escuta é tão valorizada quanto a fala, e na qual o conhecimento deixa de ser um objeto estático e transferível. Essa educação se pode adjetivar como libertadora.

HUMANIZAÇÃO: A VERDADEIRA VOCAÇÃO

No desejo de liberdade e do estabelecimento da justiça por parte dos oprimidos, Freire vislumbra a afirmação da vocação ontológica pela humanização dos homens e das mulheres, a se construir na luta que levam adiante pelo restabelecimento de sua humanidade roubada. A desumanização, por sua vez, é identificada como a distorção da vocação do ser mais que, apesar de se apresentar como uma possibilidade histórica, não se constitui em vocação na história das pessoas.

Na busca permanente por ser mais dos seres humanos, Freire identifica as metas a que os indivíduos anseiam para reavirem-se com sua humanidade. Ele afirma que se a desumanização fosse vocação dos seres humanos, “a luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como ‘seres para si’, não teria significação” (Freire, 2002, p. 30, grifos meus).

A questão da humanização está presente perenemente na obra do autor, que se classificou como educador humanista e, segundo Jaime José Zitkoski, “direcionou seu trabalho e toda uma obra pedagógica em prol de um mundo mais humanizado” (Zitkoski, 2008, p. 214).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Freire, o trabalho educativo se constitui em práxis, “que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (2002, p. 67). Dessa maneira, a libertação dos sujeitos vai se constituindo na medida em que vão se conscientizando do significado de estar no mundo e, submetendo as imposições da natureza constroem o

mundo dos humanos, na medida em que suas mãos "se vão fazendo, cada vez mais, mãos humanas, que trabalhem e transformem o mundo" (Freire, 2002, p. 31).

Para compreender o modo como ocorre essa conscientização e a consequente transformação do mundo a partir da apreensão de seus significados, é preciso recordar os passos do processo de formação de cada sujeito, conforme explicitado por Paulo Freire no livro *Pedagogia do oprimido*. Partindo da ideia de que "só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros" (Freire, 2002, p. 33), vai se delineando o fato de que as relações que envolvem o ensino e a aprendizagem não podem se basear num fazer docente que se realize a partir de uma visão que coloque no educador a posse dos saberes que devem ser explicados ou depositados nos educandos.

Aos educadores progressistas, Paulo Freire deixou um grande legado que foi sua Pedagogia do oprimido, como guia para elaboração de uma forma de pensar e agir, pesquisar e atuar em conformidade com uma práxis transformadora da realidade que envolve todas as características que compõem o modo de ser dos educandos e dos próprios educadores, que na relação dodicente (Freire, 1996) enquanto ensinam, aprendem e enquanto aprendem, ensinam.

Referências

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** O nascimento da prisão. São Paulo: Vozes, 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 32. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2002.

SAVIANI, Dermeva. **Escola e democracia**. Campinas: Autores Associados, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia** – Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

ZITKOSKI, Jaime José. Humanização/ desumanização. In STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. (Org.) **Dicionário Paulo Freire**. p. 214-216, Belo Horizonte: Autêntica, 2008.